



A POESIA DO COTIDIANO OU A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

Celeste Duarte Baptista¹

I. Ando pela rua. Há um buraco fundo na calçada.
Eu caio. Estou perdido... sem esperança.
Não é culpa minha.
Levo uma eternidade para encontrar a saída.

II. Ando pela mesma rua. Há um buraco fundo na calçada.
Finjo não vê-lo. Caio nele de novo.
Não posso acreditar que estou no mesmo lugar.
Mas não é culpa minha.
Ainda assim levo um tempão para sair.

III. Ando pela mesma rua. Há um buraco fundo na calçada.
Vejo que ele está ali.
Ainda assim caio... é um hábito.
Meus olhos se abrem. Sei onde estou.
É minha culpa. Saio imediatamente.

IV. Ando pela mesma rua. Há um buraco fundo na calçada.
Dou a volta.

V. Ando por outra rua.

(Portia Nelson in Neves, Roberto Inácio. *Yoga para os Olhos: exercícios para melhorar a sua visão e a sua vida*. 10. ed. São Paulo: Por que não? Editora.)

Completo, no dia 14 e setembro deste ano (2012), quarenta anos de magistério, vividos, sofridos em três países, em três continentes! Comecei esta trajetória em Moçambique, África Oriental, depois em Portugal e, finalmente, em Guarulhos, SP, Brasil onde me encontro (às vezes desencontro), há trinta e dois anos e nesta Instituição, há vinte e seis anos.

Neste percurso, aprendi e desaprendi, errei e acertei! Quero acreditar que mais acertei do que errei!

Como professora de Literatura (às vezes de Teoria) pude perceber que o que mais distancia o meu aluno do entendimento do universo literário, não é a falta de capacidade intelectual, mas sim, um déficit de visão!... Falta às escolas, e às famílias, educar o olhar das crianças. Eu diria que falta uma Educação dos Sentidos!

Ao entrarmos na escola, a primeira coisa que precisamos fazer, é despir, no átrio, a nossa capacidade de olhar, de sentir o odor do mundo, de deixar de tocar ou provar, pois tudo isso é..., digamos assim, pecaminoso.

Como queremos que a criança aprenda e aprenda um mundo sem cheiro, sem paladar, sem gosto, sem olhar, sem afeto, portanto, sem beleza?

Como podemos querer que a criança aceite as normas e os valores, se eles não têm espaço nos seus sentidos (nem nos sentimentos)...

Assisti, há dias, num canal de TV a uma entrevista de Osvaldo Montenegro, em que ele dizia que na infância, ele não sabia que havia cantor ou músico, como profissão, pois "lá em casa todo mundo cantava, bem ou mal, mas cantava! Todo mundo tocava, bem ou mal, mas tocava".

Na casa dele, portanto, respirava-se música, vivia-se música...

A criança, (ser em formação) precisa do tato, do paladar, do cheiro, do olhar para ver e assimilar, para inspirar a vida e, posteriormente, expirá-la — respirá-la!

O pintor e escritor português, Almada Negreiros, escreveu o texto a seguir:

¹ Professora na Universidade Guarulhos, Mestre em Linguística, Letras e Artes. Palestra proferida no "Fórum de Educação da UnG", na unidade Dutra em 22 de maio/2012.



A Flor

“Pede-se a uma criança. Desenhe uma flor! Dá-se-lhe papel e lápis. A criança vai sentar-se no outro canto da sala onde não há mais ninguém.

Passado algum tempo o papel está cheio de linhas. Um numa direção, outras noutras; umas mais carregadas, outras mais leves; umas mais fáceis, outras mais custosas. A criança quis tanta força em certas linhas que o papel quase não resistiu.

Depois a criança vem mostrar essas linhas às pessoas: Uma flor!

As pessoas não acham parecidas estas linhas com as de uma flor!

Contudo, a palavra flor andou por dentro da criança, da cabeça para o coração e do coração para a cabeça, à procura das linhas com que se faz uma flor, e a criança pôs no papel algumas dessas linhas, ou todas. Talvez as tivesse posto fora dos seus lugares, mas são aquelas as linhas com que Deus faz uma flor!

Enquanto incubava, durante meses, o tema da minha fala de hoje, detive-me, algumas vezes, na reflexão desse verbo **inspirar** que tanto se aplica ao ato, mais ou menos mecânico, de colocar ar nos pulmões, como se aplica ao universo da criação artística. Por artista entendemos (o senso comum entende), via de regra, um sujeito que, de uma forma mais ou menos mística ou mágica, coloca dentro de si o mundo, o transforma e o devolve a nós, pobres mortais, renovado e belo!

Ele é um sujeito inspirado, dizemos nós, isto é, ele introjeta a realidade e, como o ar que absorvemos da natureza e transformamos em energia, guardando o oxigênio e expelindo o carbono, assim o poeta, o músico, o pintor, o artista inspira a vida e transpira emoção, sentimento, harmonia e beleza!

Diante desta constatação cabe perguntar: - Será que o professor sabe ou pode ensinar o seu aluno a respirar? A ingerir o mundo e devolvê-lo melhor?

Não sei se pode! Mas se ele pode interceptar-lhe os sentidos, por que não pode devolver-lhos transformado?

Algumas vezes procurei parcerias em colegas arquitetos, artistas, engenheiros, matemáticos, pedagogos, — todos, professores — na ânsia de, juntos, encontrarmos uma fórmula capaz de fazer com que os nossos alunos pudessem sair da escola, da universidade, seres iluminados e inspirados, capazes de ver o mundo com um olhar transformado e transformador, um olhar poético!

Inspiração não é, para o artista, um sopro divino, insuflado por musas de um Parnaso longínquo, que escolhem, como flechas cegas de Cupido, um pobre mortal que, em transe, sai por aí soltando líras ao vento, ou pincelando gigantescas telas!

Se perguntarmos aos poetas, aos pintores, esculptores, aos músicos sobre essa inspiração eles nos responderão, prosaicamente, que aquilo que vemos na tela, que escutamos na música, ou na poesia, é o resultado de horas de transpiração!...

Ao entrarem aqui, esta noite, vocês se depararam com imagens correndo na tela ao som de uma belíssima música e, por certo, alguns sentimentos, algumas emoções, afloraram.

Foram lembranças, trazidas dos recantos mais escondidos da alma (da mente) e que geraram sentimentos claros ou confusos, de momentos vividos ou desejados. Espero que tenham sido momentos de prazer, mais do que de frustração ou de angústia.

Por que nos emocionaram as imagens ou a música? O que vimos na tela? Cenas de um cotidiano presente em nossas vidas e a que, na maior parte das vezes, não damos a devida atenção!

Quantos olhares, quantos sorrisos, quantos potentes ou amanheceres perdemos por estarmos, ocupados de mais, apressados de mais, resolvendo intrincados cálculos matemáticos, correndo para o trabalho, estudando de mais ou, simplesmente, dormindo?!

A vida passou por nós, encantadora e sublime,



ofereceu-nos um espetáculo diário de beleza, e estávamos de olhos fechados!

Certo dia, um conhecido de Olavo Bilac, proprietário de um pequeno sítio, pediu ao poeta que redigisse um anúncio de venda, pois pretendia desfazer-se do sítio. O poeta escreveu o seguinte:

“Vende-se um lindo sítio, afastado da cidade, onde você vai gozar descanso e felicidade. Tem pomar que o ano todo é o salão onde as aves executam seus gorjeios em sinfonias suaves e as falenas no canteiro, adejam entre os agaves. Tem, no silêncio da noite, a lua mostrando recato, quando a brisa deleitosa embala as plantas do mato e a relva dorme escutando o acalanto de um regato. Sua casa proporciona um conforto permanente e é, pela manhã, banhada nos raios do sol nascente. A varanda, à tarde, tem uma sombra envolvente...”

Passando algum tempo o poeta encontra o proprietário e pergunta-lhe:

— Conseguiu vender o sítio? Ao que o outro retorquiu:

— **“Estimado Bilac, nem pensei mais nisso. Quando li aquele anúncio desisti, na mesma hora, de vender o meu paraíso!”**

O sítio sempre esteve lá, mas o proprietário necessitou do olhar do poeta para entender a beleza que o cercava!